

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS. O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”



Emancipação Socialista



(11) 95675-2133

www.emancipacaosocialista.org

Nº 13

01/11 a 31/01 de 2022

R\$ 2,00

A CRISE SOCIAL É GRAVE! É URGENTE DERRUBAR BOLSONARO



**PREVENT SENIOR E OS
EXPERIMENTOS "A LA NAZISMO"**

**OS CAMINHOS DA LUTA PELO
FORA BOLSONARO**

**A REFORMA DO ENSINO
MÉDIO E A EJA**

**POR UM POLO SOCIALISTA
PELA BASE**

O REACIONARISMO DO TALIBÃ

No país do Agro, milhões passam fome

Está na Constituição burguesa: alimentação é um direito social do brasileiro. Essa premissa, que pode parecer óbvia à primeira vista, foi incluída pelo Congresso Nacional em 2010. E de óbvia não tem nada. De lá para cá, ao mesmo tempo em que exportações do agronegócio brasileiro ganharam força, o direito à alimentação tem sido realidade para cada vez menos brasileiros.

Enquanto o agronegócio comemora seus recordes, a fome avança. São mais de 20 milhões de

brasileiros em situação de fome no Brasil e 117 milhões em insegurança alimentar, segundo dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Penssan).

Os exemplos são muitos: Primeiro, foi a fila quilométrica em um açougue de Cuiabá, no Mato Grosso — maior estado produtor e exportador de carne bovina do país —, para receber ossos. Depois, cariocas garimpando restos em um caminhão de ossos

e pelancas descartadas por supermercados. Em Fortaleza, um grupo de pessoas procurando alimentos dentro de um caminhão de lixo numa área nobre de Fortaleza. Nos açougues, em meio aos preços proibitivos da carne, as pessoas recorrem a cortes antes desprezados pela maioria, como pés e miúdos de galinha.

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de soja, açúcar, carnes bovina e avícola, café e está entre os maiores produtores mundiais de carne suína, milho e algodão. Inimaginável a quantidade



de comida que poderia ser garantida para essas famílias, podendo tirá-las da extrema pobreza, da fome.

Esse é o caráter reacionário que cumpre a burguesia nacional. Deixa a população de seu país na fome, em filas gigantes recebendo ossos com restos de carne, para garantir o lucro dos imperialistas e do mercado financeiro.

GREVE DE OPERÁRIOS DA GM TEM CONQUISTA PARCIAL

Os operários da fábrica da GM em São Caetano do Sul (SP) decidiram, no dia 1/10 passado, entrar em greve por tempo indeterminado. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos mais de 4000 trabalhadores aderiram.

O TRT da 2ª Região, determinou que a greve fosse encerrada. Conforme decisão da juíza, Raquel Gabbai de Oliveira, caso os operários não retornassem ao trabalho a partir do dia seguinte, caberia multa de R\$ 50 mil ao sindicato. Sobre os dias parados, conforme já havia sido definido na reunião de conciliação seriam pagos integralmente até o dia 12. A novidade foi a compensação de 50% das horas.

As duas assembleias de trabalhadores realizadas no dia seguinte à decisão judicial, na GM de São Caetano, no período da manhã e da tarde, decidiram pela continuidade da greve. A direção sindical, ligada à Força Sindical, defendeu o fim da paralisação. Houve vaia durante a assembleia da tarde. No momento da votação do encaminhamento, a maior parte dos trabalhadores levantou a mão em favor da continuidade da greve. Após o fim da reunião, houve bate-boca e princípio de agressão entre alguns metalúrgicos e a direção da entidade. A

decisão da maioria de seguir a luta foi rechaçada pela direção sindical, que decretou de forma autoritária a volta ao trabalho e afirmou que quem quisesse seguir a greve, que fizesse sozinho.

Como podemos ver, a Justiça tem o seu lado. E não é dos trabalhadores. Até aí nenhuma novidade. Apesar de ter lucrado US\$ 6,4 bi em 2020 e ter a previsão de lucro líquido entre 6,8 bi e US\$ 7,6 bi para 2021, a GM se recusou a oferecer aumento real dos salários e a garantia de alimentação a seus trabalhadores.

Depois de duas semanas em greve, conseguiram reajuste de 10,42%, antecipação de metade do 13º salário de 2022, além de manter as cláusulas do Acordo Coletivo anterior, incluindo a estabilidade para trabalhadores acidentados que a GM queria tirar.

A disposição de luta dos trabalhadores conquistou estas reivindicações, apesar da direção sindical ter encerrado a greve deixando de fora o aumento do vale refeição, tão necessário num momento de alta inflação, à revelia do voto dos trabalhadores em assembleia. Este tipo de postura por parte de toda e qualquer direção sindical só enfraquece para os trabalhadores.

SOLIDARIEDADE A DOM ORLANDO

O arcebispo de Aparecida (SP), dom Orlando Brandes, defendeu um país sem corrupção, pobreza, mentiras e armas na principal missa realizada no dia 12 de outubro passado no Santuário Nacional de Aparecida,

No sermão da missa solene da festa, Brandes pediu para que a sociedade construa “uma pátria amada. Para ser amada, não pode ser pátria armada”. Ele também falou de uma nação sem mentiras e corrupção e que combata à pobreza.

Para ser pátria amada seja uma pátria sem ódio. Para ser pátria amada, uma república sem mentira e sem fakenews. Pátria amada sem corrupção. E pátria amada com fraternidade. Todos os irmãos construindo a grande família brasileira.”, afirmou também o religioso.

E, naturalmente, recebeu várias críticas de bolsonaristas, notadamente do deputado paulista Frederico D’Ávila, dois dias depois.

Não é a primeira vez que Brandes opina sobre questões sociais. Em 2020, o padre criticou a “volta da impunidade” e também as queimadas na Amazônia e no Pantanal. Já em 2019, o sermão criticou o “dragão do tradicionalismo” e disse que a “direita é violenta e injusta”.

Pelo desenrolar dos acontecimentos, está longe de ser a última reprovação de Brandes ao governo. Bolsonaro e sua turma não se cansam de dar motivos.

O jornal [Consciência de Classe](#) é o órgão de imprensa da organização [Emancipação Socialista](#). Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Também estamos abertos a contribuição de texto de ativistas de esquerda mesmo de caráter crítico às nossas posições.

[Emancipação Socialista](#) é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência o marxismo, as quais não consideramos como um dogma e sim um método vivo para a análise da realidade e da luta

prática revolucionária. Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições envie mensagem para contato@emancipacaoocialista.org

Prevent Senior: o lucro mata!

A CPI da Covid expôs publicamente várias atrocidades cometidas durante a pandemia: recusa de Bolsonaro e General Pazuello em comprar vacinas; tratamento com substâncias comprovadamente inúteis como Cloroquina; fraude em licitações; incentivo ao movimento antivacina; governadores pressionando para retorno às aulas presenciais (como Dória em SP) ou deixando faltar oxigênio (como Wilson Lima no Amazonas), dentre outras. Enfim, ações que custaram milhares de vidas. Um verdadeiro genocídio contra o povo brasileiro, mas, provavelmente, os responsáveis sairão ilesos.

OS EXPERIMENTOS DOS DONOS DA PREVENT SENIOR

Como a grande imprensa anunciou, uma das empresas que participou desse genocídio foi a Prevent Senior com um plano de saúde destinado principalmente às pessoas idosas atendidas em rede hospitalar própria (com 540 mil clientes, faturamento de R\$ 4,3 bilhões em 2020 e lucro de mais de R\$ 495 milhões).

E como em todo negócio capitalista, somente o lucro interessa, quanto menos gastar mais lucro terá. Essa é a lógica que também está por trás do modo como esse convênio orientou e pressionou médicos e médicas para utilizarem o “kit Covid”, nos pacientes contaminados, por ser um tratamento mais barato. O custo social foi a morte de cerca de 4.000 pacientes internados desse convênio durante um período da pandemia.

Junto com esse contestado “tratamento precoce” a Prevent Senior também colocou em prática um experimento (chamado, por eles, de pesquisa) com mais de 600 pacientes: Com 2/3 recebendo a hidroxiclороquina e azitromicina. E, para efeito de controle, 1/3 não recebeu nenhuma medicação. Durante o experimento: 09 pessoas que

tomaram hidroxiclороquina e azitromicina morreram e outras 02 que haviam ficado sem medicamento.

Ao não apresentar melhoras com cloroquina, o paciente recebia flutamida (usada no tratamento de câncer de próstata avançado), etanercepte e metotrexato (tratamento para artrite). E por fim, ao permanecer o quadro, era testada a ozonioterapia retal (aplicação de ozônio no ânus do paciente) e até o uso de células-tronco.

Não houve comprovação de eficácia desses experimentos. Para esconder essa brutal situação, a Prevent Senior falsificava os atestados de óbitos e ocultava a causa da morte por Covid. Como eram pessoas idosas e mais suscetíveis à morte natural, as famílias não relacionavam a morte com o tipo de tratamento.

Nem os órgãos de controle de pesquisas, nem as pessoas e seus familiares tinham autorizado o uso como cobaias em experimentos pela ciência, ainda com medicamentos comprovadamente inúteis. Aqui a vida pouco importou.

Também é evidente o uso político desses experimentos e de como os donos desse convênio visavam dar apoio às declarações de Bolsonaro e de outros negacionistas, que insistiam em defender o uso do “tratamento precoce” (sem nenhuma comprovação científica).

DONOS DA PREVENT SENIOR E OS EXPERIMENTOS NAZISTAS

Os cientistas do mundo (menos aqueles que praticam uma pseudociência) não somente afirmam a ineficácia desse tratamento como o denunciam como perigoso com danos e efeitos colaterais ao organismo. Mesmo assim, os donos da Prevent Senior impuseram o experimento sem o consentimento das pessoas; obrigaram médicos a receitarem medicamentos do experimento; contribuíram com a subnotificação ao

mudarem a causa de morte dos pacientes.

Relacionar essa prática ao que os nazistas já praticaram não é nenhum exagero. É uma das conclusões do artigo de Michel Gherman e Natália Pasternak na Folha de São Paulo: “O que há de semelhança com a prática nazista? A não informação, a ocultação de motivos, a não anuência de voluntários ou dos pacientes que serviram de cobaias”.

Essas experiências ficaram famosas no Brasil com a descoberta de que o médico Mengele viveu no Brasil até sua morte em 1979. Liderou experimentos no campo de concentração de Auschwitz. Outro experimento nazista foi a utilização de medicamentos (soros e agentes imunizantes) contra malária, tifo e outras doenças em prisioneiros de guerra. A comparação com nazistas não para por aí.

O lema “lealdade e obediência”, usado pelos donos da Prevent Senior, era utilizado pela força de repressão nazista, sanguinária SS, formada somente por homens arianos (considerados como “puros” e mais fiéis ao ideário nazista).

E para quem não está convencido tem mais um fato: os irmãos Parrillo, Eduardo e Fernando, donos da Prevent Senior, também têm uma banda de rock (refletindo a guinada reacionária do rock nos últimos anos) e compuseram a música “Army of sun” (Exército do sol) numa referência à guarda nazista SS.

AUTONOMIA MÉDICA E CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA

A autonomia médica é o direito que o médico tem de tomar decisões nos casos de emergência em que o doente está impossibilitado de compreender a situação de perigo que corre. Em teoria,



visa preservar o profissional de pressões contra a ética médica.

Mas, os negacionistas de plan-tão e a direção do Conselho Federal de Medicina, bolsonaristas de carteirinha, se apoiam nesse item do código de ética médico para defenderem o direito de médicos prescreverem remédios sem eficácia e de planos de saúde (como o Prevent Senior) pressionarem para tratamentos ineficazes e mais baratos.

No entanto, como diz Drauzio Varella: “Atribuir à autonomia a liberdade para receitar remédios inúteis é tão grave quanto admitir que cirurgiões operem doentes sem indicação cirúrgica ou que médicos insuflam ozônio no reto de pacientes intubados e mantidos em ventilação mecânica nas UTIs”. (FSP, 24/10)

E AS NECESSIDADES HUMANAS?

A lógica do capitalismo é o lucro, não importa quais são as necessidades da sociedade de conjunto. E a pandemia escancarou isso.

Para nós, socialistas, são as necessidades humanas que devem estar em primeiro lugar. No caso da Saúde, em especial em tempos de pandemia, defendemos a estatização de todo o sistema de Saúde para garantir o acesso de todos e todas aos tratamentos e gratuitamente. O país possui riqueza, condição de pesquisa e profissionais para isso!

Punir todos os envolvidos nesse genocídio e confiscar todos os bens adquiridos com essas fraudes!



Os caminhos da luta pelo Fora Bolsonaro

Inegavelmente 2021 é ano de desgaste e de ampliação do repúdio popular ao governo Bolsonaro. Eleito por quase 58 milhões de votos no segundo turno em 2018, Jair Bolsonaro vê derreter lentamente sua aprovação e por vários fatores, especialmente por: aplicar um plano austero ultraliberal que visa ampliar os lucros do capital nas costas dos trabalhadores. E que, longe de reduzir a crise econômica, a ampliou para os mais pobres.

Combinando crise com ataques aos direitos dos trabalhadores formais públicos e privados, o governo Bolsonaro tem representado o aumento da fome, de dificuldades para dar conta do pagamento de energia e do supermercado. A miséria, a carestia e o desemprego se mantêm em patamares elevados, como não visto há vários anos.

Junto a isso, a verdadeira política “pró-vírus” na pandemia também aprofundou imensamente o repúdio de maioria da população ao governo, registrado em pesquisas de opinião, o que deve ser con-

siderado e jamais supervalorizado.

Pouco após a posse, no início de 2019, sua rejeição chegava apenas a 17%. Algo que foi revertido a partir de janeiro de 2021, com índices crescentes e chegando a 55% no mês de setembro (ver quadro).

Estas pesquisas são ilustrativas e não devem ser referência única em qualquer análise séria, especialmente no campo marxista. De qualquer forma, tais índices já fazem grupos de políticos/partidos se movimentarem no tabuleiro eleitoral para 2022.

CADA VEZ MAIS PROTESTOS CONTRA BOLSONARO

E já no início de 2021 foram registrados painéis em muitas cidades, geralmente articulados pelas redes sociais, no contexto de agudização da pandemia. Em especial na cidade de Manaus, com a escandalosa falta de oxigênio, problema fartamente negligenciado, em boa medida, pelo governo federal.

Como alternativa ao justo rejeição de contaminação, carreatas também foram organizadas nos primeiros meses de 2021. Especialmente a partir de ações de torcidas de futebol, movimentos sindicais e sociais foi articulado o primeiro ato nacional para 29/5, apesar de situação crítica em que a média móvel nacional de óbitos por Covid-19 chegava próximo a 1800. Nesse contexto, o primeiro ato foi modesto e não atraiu o conjunto do movimento social ou de esquerda, pois nem todos ainda concordavam com a realização de atos de rua. Tais atos em oposição a Bolsonaro representaram em seu início, em boa medida, uma reposta às iniciativas do obscurantismo.

Importante ressaltar que Bolsonaro e seus seguidores fas-

cistoides realizavam desde sempre atividades de rua de formas variadas sob o tema “o Brasil não pode parar”, contra os supostos lockdowns (jamais acontecidos no Brasil de forma efetiva) e até mesmo a favor de medicamentos com eficácia não comprovada.

CRESCE A OPOSIÇÃO A BOLSONARO

O barco do governo Bolsonaro seguiu naufragando nos meses seguintes. Diversos atos ocorreram (ver tabela) assumindo uma proporção maior que o primeiro em 29/05. Cada vez mais grupos aderiram às manifestações, inclusive grupos de “direita tradicional” neoliberal e de think thanks tipo MBL, ator ultraliberal da política do país. Chegou a ocorrer uma iniciativa “Nem Lula, nem Bolsonaro” articulada por esta direita, que contou com a participação de setores ditos de esquerda como o PCdoB e sua Frente Ampla num ato claramente de suposta “3ª via”.

Tais atos, ocorridos praticamente de forma mensal, demonstraram certa estabilidade no número de cidades e participantes. No último evento, em 02 de outubro, ocorreu uma pequena redução no número de participantes o que levou alguns dirigentes a questionarem a realização de novos atos. A distância entre os atos, o próximo está sendo convocado para o dia 20 de novembro, é parte da desmobilização e do freio que as direções burocráticas buscam impor ao movimento, priorizando o terreno institucional e as eleições de 2022.

Raimundo Bonfim, representante da Central de Movimentos Populares (CMP) em entrevista a



Folha de SP, disse que não haveria condições políticas para novos atos pois, a direita não tinha participado amplamente no dia 02/10 e não houve a ampliação a novos “segmentos sociais”.

Não ficou claro se o dirigente falava por si mesmo ou por alguma decisão coletiva, já que a participação esteve na média, se comparada aos atos anteriores. Inclusive, nos outros atos em que participaram tais “segmentos sociais”. Não será preciso esperar pela direita para convocar novos atos?

POR NOVOS ATOS E PROTESTOS PELO FORA BOLSONARO E SEU GOVERNO

A lenta e gradual redução nos números da pandemia permite sim ampliar a convocação e trabalhar pela massificação de novos atos nos próximos meses. Não faz sentido apostar na unidade com organizações e partidos da burguesia, nem mesmo com aqueles que estão pela queda do governo.

Os partidos de esquerda e organizações sociais da classe trabalhadora devem se dirigir às bases da população mais sofrida de todo país, “segmento social” que cresce cada vez mais no cenário de fome e de carestia geral não vistas há vários anos. Esse é o nosso meio, deve ser o nosso campo de atuação.

O contexto de fome e carestia gera instabilidade política, o que motiva mobilizações e permite o chamado à luta. A construção de uma Greve Geral com uma pauta ampla e sensível a essa realidade pode colocar a classe trabalhadora no centro do processo de mobilização.

ATOS PELOS 'FORA BOLSONARO' (2021)		
DATA	CIDADES COM ATOS	ESTIMATIVA DE PÚBLICO
29/5	215	420 mil
19/6	370	750 mil
3/7	315	800 mil
24/7	430	600 mil
7/9	85	*
2/10	305	600 mil

*O ato de 07/9 esteve vinculado ao 27º Grito dos Excluídos e no mesmo dia atos pró-Bolsonaro ocorreram em todo país. Não houve estimativa de participantes.

Ao mesmo tempo, se setores reacionários e neoliberais fizerem movimentos para enfraquecer o governo Bolsonaro que façam nos seus espaços. Nunca esqueçamos que esses setores querem um outro governo, legitimado para aplicar planos de austeridade fiscal, de fome e de arrocho para todo o povo. Não se pode confiar no inimigo. Assim, nossa unidade deve ser com a classe trabalhadora, a juventude e demais explorados nas periferias, nos locais de trabalho e estudo.

Da mesma forma, os atos de protesto não precisam se resumir a “comícios” ou dias festivos com pouco conteúdo político e pouco crítico. Ação-direta, atividades culturais, vigílias (mesmo noturnas), motociatas, bicicletadas, atos simbólicos, etc. são imensas as possibilidades de ações nas ruas.

Além disso, é fundamental a formação de comitês amplos de mobilização pela base pelo “Fora Bolsonaro” nas cidades, o que pode dar forma organizativa a centenas de iniciativas que ocorrem em cada data de luta.

ELEITORALISMO NÃO DERRUBARÁ BOLSONARO ANTES DE 2022

A aposta nas eleições de 2022 para substituir o atual governo também está na pauta “subjéitiva” da maioria de direções dos movimentos. Para muitos, o desgaste lento permite a inviabilidade do governo se reeleger no ano que vem. Nos “bastidores” se fala que é melhor enfrentar Bolsonaro desgastado num “segundo turno” e não um representante tucano, por exemplo.

É óbvio que tal premissa é contraditória com a pauta fundamental dos atos, que tem sido a derrubada imediata do governo, algo também presente no discurso até mesmo de Ciro Gomes e assumido cada vez mais por partidos tradicionais da política nacional. Sabemos que os discursos aceitam tudo, a realidade não.



AS PEDRAS NO CAMINHO DE BOLSONARO

IMPEACHMENT

No Congresso, as análises de mais de 100 pedidos de Impeachment dependem da decisão exclusiva do presidente Arthur Lira (PP-AL), figura sinistra que tem se mostrado absolutamente indisposto a encaminhar tal questão. Caso um pedido seja encaminhado, vai ser debatido em Comissão Parlamentar e logo depois, caso seja aprovado, será encaminhado ao Plenário para aprovação na Câmara e no Senado.

Caso fosse aprovado o impeachment, Mourão assumiria até o final do governo. Em tese, Bolsonaro ficaria fora das próximas eleições, apesar de que tal premissa não ter sido aplicada à Dilma, no impeachment de 2016, visivelmente uma compensação frente a manobra reacionária do Congresso.

Mas, lembremos que também com rejeição recorde e casos gritantes de crimes, o vampiresco Michel Temer, querido vice, conseguiu escapar de duas votações de impeachment em sessões de votação sem grande pressão popular e concluiu seu mandato. O Congresso Nacional, à base de favorecimentos e cargos, hoje é controlado pelo governo Bolsonaro. Por isso, insistimos que só a mobilização popular pode efetivamente derrubar Bolsonaro.

TERCEIRA VIA

A disputa tem sido dura entre vários partidos e personalidades para fugirem da polarização Lula x Bolsonaro com a roupagem de terceira via. Tucanos devem realizar prévias para definir um nome entre Dória e Leite. Enquanto isso,

CPI DA COVID APROVA RELATÓRIO: BOLSONARO CONTINUARÁ LIVRE?

Outro importante fator de desgaste do governo, a CPI tem apresentado sólidas denúncias, algumas aterradoras, contra o governo federal e seus aliados obscurantistas.

No fim de outubro, o relatório final indiciou cerca de 70 pessoas desse campo e imputou a Jair Bolsonaro 09 crimes: crime contra a humanidade, crime de epidemia com resultado de morte, infração de medida sanitária preventiva, charlatanismo, incitação ao crime, falsificação de documento particular, emprego irregular de verbas públicas, prevaricação e crimes de responsabilidade.

Os três filhos de Bolsonaro, parlamentares, também estão no relatório com incitação ao crime.

A CPI, embora progressiva ao expor e questionar as omissões e ações genocidas desse governo durante a pandemia, serve também como um meio de desviar as mobilizações de rua para

o parlamento, onde as coisas são mais controladas e o descontentamento contra Bolsonaro se canaliza institucionalmente. Em certo sentido, cumpre a função de evitar a radicalização das lutas.

Tais crimes imputados a Bolsonaro podem somar mais de 50 anos de cadeia além da perda do cargo. No mesmo sentido das dificuldades para um impeachment “a frio”, não podemos esperar uma punição efetiva a Bolsonaro a partir da CPI. Os crimes são muito graves e as provas são bastantes fartas, já poderiam ir todos para a cadeia. Mas, sabemos que esse é o parlamento que seguirá servindo e protegendo poderosos.



Ciro Gomes (terceiro colocado nas últimas eleições e nas pesquisas) corre por fora.

Dificilmente esse campo constituirá um candidato único, até pela imensa heterogeneidade e diversidade de interesses. A grande expectativa é que Lula ou Bolsonaro não disputem a eleição, o que aumentaria o potencial na disputa de votos.

O discurso de fugir dos “polos radicais” é o mais cínico, pois PSDB e companhia atacam radicalmente os direitos da classe trabalhadora. As privatizações dos anos 90 e os atuais governos Dória em São Paulo e Eduardo Leite no Rio Grande do Sul mostram como a prática desse partido é radical contra a classe trabalhadora.

Muita coisa deve acontecer, faltando ainda um ano para as

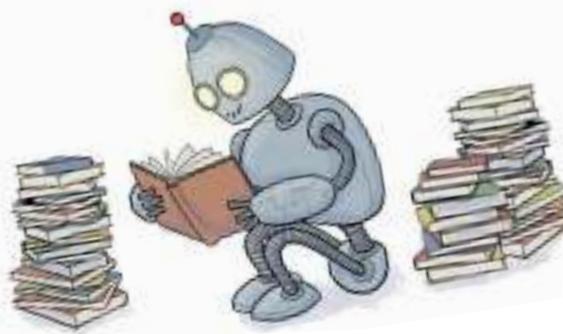
eleições de 2022. No entanto, seguimos imersos nessa crise social, política e econômica que tende a crescer e não há cenário de estabilidade.

MOBILIZAÇÃO DE MASSAS

A aposta da esquerda e de todos os lutadores não pode ser outra a não ser a construção de mobilizações diretas contra esse governo. Qualquer saída institucional é absolutamente limitada.

É praticamente impossível a queda de Bolsonaro “a frio”, sem o massivo movimento nas ruas. Esse é o grande temor da burguesia: que a luta para derrubar Bolsonaro se ligue aos graves problemas sociais do país como o desemprego, a fome, a miséria.

QUANDO A EDUCAÇÃO NÃO INTERESSA AOS CAPITALISTAS



Sabemos que o Projeto Educacional da sociedade capitalista atende interesses da classe social dominante e objetiva construir “uma consciência coletiva” comum à classe trabalhadora que justifique as relações sociais baseadas na exploração e no se deixar explorar. Ou seja, esse Projeto Educacional não é neutro ou imparcial.

Dessa forma, o Estado como instrumento de dominação organiza todo o sistema educacional de acordo com os interesses e necessidades dos capitalistas. Por isso, a Educação é uma “grande preocupação” para todos os governos, organismos internacionais como Banco Mundial e FMI, empresariado, etc., pois, é um importante meio para a formação dessa consciência de explorado, que é dócil e submissa.

Um exemplo “de preocupação com a Educação” é o Movimento Todos Pela Educação – integrado por setores empresariais (Fundação Itaú-Social, Fundação Bradesco, Instituto Gerdau, Fundação Roberto Marinho, Fundação Educar-DPaschoal, Instituto Itaú Cultural, Instituto Ayrton Senna, Banco Santander, dentre outros) – que orienta e influencia as principais Reformas Educacionais desde 2006. Sendo todas, em alguma medida, de cunho privatista e que ataca obviamente a Educação Pública.

PROJETOS EDUCACIONAIS QUE SERVEM AO CAPITAL

O neoliberalismo tem conseguido impor a reformulação do ensino no Brasil para adaptar a formação de estudante (pretensa força de trabalho) para novas formas de trabalho, maior exploração, desemprego ou novas formas de valorização do capital no país. Essa reformulação ocorre independente do governo de plan-

tão. E vem desde os mandatos de FHC, passou pelos governos petistas e está sendo aprofundada no governo Bolsonaro. É, portanto, um projeto do Estado burguês.

Entendemos que todas essas reformulações – Reforma do Ensino Médio que reduz disciplinas (Sociologia, Filosofia, etc.), altera áreas de conhecimento, cria itinerários formativos; Escolas de Período de Tempo integral; fechamento de escolas, etc. – são parte do plano de excluir parcela da classe trabalhadora do processo educacional e transferir verba pública para escolas/instituições privadas e não aceita que o Estado avance na formação de uma força de trabalho que não será absorvida nesse momentos de crise.

Estamos em um momento de desemprego estrutural (Brasil e mundo), desindustrialização e novas tecnologias que não exigem uma maioria de força de trabalho qualificada, bastando conhecimentos básicos para operar máquinas e robôs ou fazer atendimento telemarketing. Poucas são as exigências educacionais, embora haja muita concorrência, para a contratação de um trabalhador/a de entrega por aplicativo, por exemplo, com tão alto nível de exploração (baixos salários, muitas horas, poucos direitos); ou para um trabalhador/a numa linha de produção que repete movimentos para montar placas; ou em uma linha de produção automobilística robotizada que repete para apertar o botão.

A Educação para Jovens e Adultos (EJA) é também uma demonstração dessa relação do Projeto de Educação com a formação da força de trabalho, porque a sua existência é o resultado desse processo histórico de exclusão de uma parte importante da classe trabalhadora do processo educacional, que foi descartada do processo de trabalho ou foi alocada em trabalhos que exigiam pouca qualificação e maior

precarização. A migração nordestina para o Sudeste é um exemplo.

A REFORMA DO ENSINO MÉDIO E A EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)

Ainda que tenhamos obtido algumas conquistas importantes, a Educação Pública brasileira sempre teve um caráter excludente pela falta de verbas, precarização, falta de medidas para a permanência, falta de vagas (fechamento de escolas/salas, corte de verbas, etc). O resultado foi milhões de pessoas privadas do direito à Educação.

Com o “Novo Ensino Médio” aprofunda-se o caráter excludente e privatizante do ensino (veja duas edições anteriores) e o descaso com a EJA é parte desse processo. É o caso das plataformas digitais como Google ou Microsoft, que a Reforma adotou o “ensino a distância”. No caso da EJA, 80% da carga horária poderá ser à distância.

Nessa pandemia, ficou visível como a desigualdade social influencia a formação de alunos: 93% de alunos do Ensino Médio da escola pública não têm acesso à rede e nem celular para acompanhar aulas à distância, ou seja, na prática foram excluídos do aprendizado. As promessas feitas por governadores e prefeitos de entrega de chips e notebooks para os estudantes ficaram na promessa.

Um trabalhador, que tem salário médio de R\$1500, vai tirar da comida dos filhos ou do aluguel para pagar plano de internet? Quando consideram outros meios de acesso como por banda larga a situação fica ainda pior, devido o alto custo desses serviços. Isso pode ser cha-

mado de “exclusão digital”. Portanto, como se vê, nas condições de miséria da sociedade brasileira, qualquer proposta de “ensino à distância” significa manter a classe trabalhadora distante da escola.

Além disso, a Educação de Jovens e Adultos requer metodologia especial e deve ser aplicada presencialmente, pois, são estudantes que chegam à sala de aula após jornadas de trabalho de mais de 10 horas.

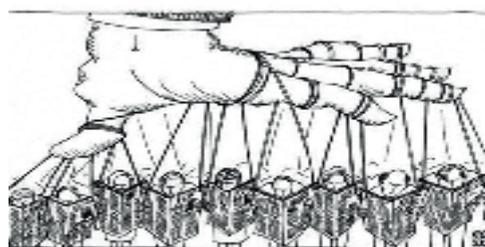
PROJETO EDUCACIONAL QUE REFORÇA A EXCLUSÃO

No Projeto Educacional da burguesia a exclusão se apresenta de forma direta. E com a aplicação da Reforma do Ensino Médio, o Estado apenas entregará um certificado com a redução dos estudos de formação geral e sem o domínio dos saberes necessários para a continuidade da aprendizagem acadêmica ou mesmo para disputar uma vaga no mercado de trabalho.

A exclusão não ocorre somente em relação ao direito à Educação, mas também em relação ao trabalho. O discurso liberal de que o estudo permite encontrar mais oportunidades de trabalho é falacioso, pois o sistema burguês na Educação colocou parte significativa de nossa classe para assumir a responsabilidade da pouca escolarização para empregos precários, bem de acordo com as necessidades do capital.

Não é coincidência que as entidades empresariais apoiem a Reforma do Ensino Médio, pois veem a continuidade das bases econômicas para a exploração que sempre existiram no país.

Compreender essa situação da Educação é fundamental, pois a luta não se limita a enfrentar o ataque da vez. A luta precisa ser também por um Projeto Educacional da classe trabalhadora, que possa orientar as mudanças necessárias para o próximo período.



FORMAR UM POLO SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO PELA BASE E LIGADO ÀS LUTAS DE TRABALHADORES E /AS

No último dia 7 de outubro foi realizada uma Plenária, on line, visando a construção de um polo socialista, antiburocrático e revolucionário para se tornar referência para trabalhadores/as. Com mais de 1 mil presentes, estiveram também lideranças do movimento social como José Rainha (MST), Osmarino Amâncio (líder dos seringueiros), de partidos como Plínio de Arruda Sampaio Junior (PSOL), Nildo Ouriques (“Revolução Brasileira”), Magno de Carvalho (USP), dentre outras. Maria Lúcia Fatorelli (Auditoria Cidadã da Dívida) anunciada como uma das presenças, por problemas de saúde de última hora, não pode comparecer.

A iniciativa de construção da Plenária foi do PSTU, assim como de um Manifesto chamando o Polo (durante o encontro já havia chegado em mais de 2 mil assinaturas). Estiveram, portanto, na reunião militantes desse partido e/ou da CSP-Conlutas como Zé Maria de Almeida, Cyro Garcia, Vera Lúcia, Hertz, Vanessa Portugal, Altino Prazeres, além do já citado Osmarino. Afora, segmentos do PSOL e de outras organizações como o MRT e nós, Emancipação Socialista, o PSTU foi o setor amplamente majoritário na plenária.

A necessidade de formação de um grande movimento político de trabalhadores/as

Entendemos como uma necessidade a formação de um polo socialista para as lutas cotidianas na atual conjuntura brasileira e que aponte para a necessidade da revolução. Enxergamos que na atual situação defensiva em que os trabalhadores e o povo pobre se encontram, com perdas contínuas de

direitos, entrega da economia nacional com privatizações, desmonte dos serviços públicos, aumento do desemprego e da fome é preciso que se construa uma alternativa não pautada pelo calendário eleitoral burguês e das próximas eleições de 2022.

Essa alternativa colada às lutas cotidianas deve se desenvolver nos locais de trabalho, nas fábricas, no campo, nas comunidades, favelas, locais de moradia e locais de estudo. Portanto, não é se furtar à intervenção no debate eleitoral, mas condicioná-la aos embates da classe trabalhadora contra os ataques desferidos pelo governo Bolsonaro, que tem como sócios os governos estaduais e governos municipais.

Entretanto, como tem sido há mais de 35 anos, o calendário eleitoral da chamada democracia burguesa mais uma vez tem sido um instrumento eficaz da classe dominante brasileira para neutralizar as lutas e para cooptar milhares de lutadores, com a colaboração da direção majoritária dos movimentos sociais (centrais sindicais, MST, UNE etc).

Agora, o projeto que tem sido utilizado para amortecer as lutas e não aprofundar a campanha de rua pelo “Fora Bolsonaro” – ao não unificar os embates na perspectiva da construção de uma greve geral para derrotar os ataques – é um chamado a formação de uma Frente Ampla, que tem à cabeça dessa iniciativa Lula e o PT, em companhia do PC do B, do deputado Marcelo Freixo (está arrastando o PSOL), do PCB e do PCO.

A Frente Ampla, sob o pretexto de combater Bolsonaro e o fascismo, procura reeditar a mesma

política de colaboração de classe com setores burgueses durante os 13 anos de governo petista.

Registre-se que esta experiência foi abreviada com a manobra jurídica-parlamentar por parte integrantes do próprio governo ligados ao PMDB e outros partidos burgueses, com a votação do impeachment de Dilma em 2016, seguida de profundos ataques como a votação da Emenda Constitucional de 95 (congelamento dos gastos públicos em 20 anos), Reformas Trabalhista de 2017 e Previdenciária de 2019 e, paralelamente, a ascensão de Bolsonaro ao poder.

Um dos argumentos para a conformação de uma nova Frente Ampla burguesa é envernizá-la como projeto de “esquerda” para atrair os trabalhadores, se contrapor à formação da chamada 3ª via, em que setores burgueses liberais embaralham nomes como João Dória, Eduardo Leite, Arthur Virgílio, Sérgio Moro, Henrique Mandeta e até Ciro Gomes.

Enfim, como escreveu Marx em O 18 De Brumário de Luís Bonaparte, “A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”. Os mesmos patrocinadores da política, que permitiu a tragédia do bolsonarismo ser alçado ao poder, chamam uma nova Frente Ampla com mais setores burgueses, congelam a campanha do “Fora Bolsonaro”, congelam as lutas contra todos esses ataques e por finalidade eleitoral.

Nesse sentido, entendemos que o chamado ao polo classista, socialista, revolucionário pode ser um impulsionador de um movimento político de trabalhadores/



as que sirva de referência às lutas contra os ataques do capital, que se contraponha ao bolsonarismo e às alternativas burguesas liberais, mas também contra a falácia da Frente Ampla, um filme que já vimos.

Um polo socialista e revolucionário que envolva muitos outros setores

Na nossa opinião, o polo tem que envolver muito mais lutadores/as do que os já envolvidos com as organizações, partidos, agrupamentos e personalidades que fizeram o seu chamado. Não somos contra que grupos políticos ou partidos se construam, muito pelo contrário, achamos legítimo. Mas, consideramos que os presentes na plenária virtual de 07/10 e os já signatários do Manifesto inicial constituem ainda um número bastante tímido, aquém da possibilidade dessa política.

Portanto, para que a política do polo não seja mais uma iniciativa limitada à criação de mais uma superestrutura, como foi a fundação da CONLUTAS em 2004 (depois CSP-Conlutas), é necessário um chamado à construção de plenárias e núcleos de base para a formação do polo socialista e revolucionário por categorias, nas cidades, nos locais de moradia, trabalho e estudo, onde possamos discutir programa e ações coladas às lutas cotidianas da classe explorada.

Talibã, filho bastardo do senhor da guerra

Em 30 de agosto último se cumpriria o Acordo – assinado em 29 de fevereiro de 2020, no Catar – entre Estados Unidos e Talibã com o propósito de restabelecer a paz no território afegão após 20 anos de ocupação militar estadunidense.

Porém, no dia 15, duas semanas antes, o Talibã tomou a capital do Afeganistão, Cabul, o que levou Ashraf Ghani, presidente afegão, a fugir pelo Tadjiquistão. O vice Amrullah Saleh, ex-informante da CIA, integrou o Diretório Nacional de Segurança, montou uma rede de espões e chegou a se declarar presidente interino, mas foi derrotado.

O QUE É TALIBÃ

No fim dos anos 80, as madraças (escolas religiosas no Paquistão, patrocinadas por sauditas que se opunham à ocupação soviética no Afeganistão) deram origem às milícias do Talibã. A maioria dos estudantes era da numerosa etnia sunita **pashtun**, seguidora de um código de conduta e honra rígido, que unificava todas as suas quatro confederações tribais.

O Talibã é, portanto, um movimento fundamentalista do ramo sunita que prega uma dura interpretação da lei muçulmana (Sharia) e do Alcorão. Foi no movimento **mujahid**, de combate ao Socialismo, que deu origem às milícias do Talibã. Os **mujahedin** receberam equipamentos e treinamento dos Estados Unidos sob o pretexto de expulsar as forças estrangeiras, no caso, soviéticas.

No recente retorno do Talibã ao poder, o enfrentamento ocorreu por parte daqueles que defendem o regime soviético. Desde agosto, ocorrem disputas entre os **pash-tuns** e os **panjshiris** (combatentes do Vale de Panjshir, norte de Cabul). Os combatentes da Frente Nacional de Resistência enfrentaram com armas insuficientes o arsenal Talibã.

Foi a primeira derrota da província. Durante a vigência do governo dito socialista na URSS e a intervenção soviética no país (1978 a 1989), as milícias do Vale do Panjshir contavam com o apoio do Ocidente. A região resistiu também ao primeiro governo Talibã (1996-2001).

TALIBÃ: DESMONTE DA REVOLUÇÃO NO AFGANISTÃO

Em abril de 1978, o Afeganistão vivenciou a tomada do poder pelos comunistas durante a Revolução de Saur. Era um país agrário, de características compatíveis com o feudalismo pois, o poder era exercido pelos proprietários locais.

Os revolucionários se dividiam em dois grupos. Houve uma conjuntura difícil, de fome, após o golpe de oficiais que derrubou o primeiro-ministro que contava com apoio soviético, mas, mandava matar comunistas. O grupo **Parcham** (Bandeira) era composto por militantes de origem urbana e defendiam aliança com todas as forças progressistas nacionais. Queriam moderar o processo e tinham a simpatia da KGB. O **Khalk** (Povo), cujos militantes vinham de famílias rurais, **pashtuns** em sua maioria, queria a continuidade da reforma agrária e a manutenção da suspensão de pagamento de dote à família da noiva. Ou seja, almejava mudanças mais profundas.

Após uma divisão no grupo **Khalk** a União Soviética invadiu o país, em 24 de dezembro de 1979. Como fez com outros processos revolucionários no mundo, o stalinismo interveio e procurou congelar o que acontecia no Afeganistão. Construir um novo ser humano só seria possível com a intensificação do processo revolucionário, especialmente no que diz respeito à condição da mulher e ao uso da terra, questões em que a sociedade afegã é terrivelmente hierarquizada.

Para o Ocidente, que compartimentou separadamente religião e política, é como se o Talibã tivesse características da Idade Média. Mas, não é um elemento deslocado no mundo da Globalização Neoliberal. Na verdade, é uma reação às disputas imperialistas na região. O conceito de nacionalidade não faz sentido para os militantes, pois o primordial é o Islã. Têm elevado senso de hierarquia, no extremo oposto da democracia burguesa. Como vem sendo alardeado pela grande mídia, não concebem equidade entre gêneros e oprimem ostensivamente as mulheres. Não aceitam a cobrança de juros.

TALIBÃ SERVE AOS PODEROSOS (KHANS)

A Al-Qaeda e o Estado Islâmico, assim como o Talibã, são resultados do imperialismo no Afeganistão. Antes dos Estados Unidos, o Império Britânico mostrou suas garras por lá. O que diferencia o Talibã dos dois outros movimentos é a forma como compreende a **jihãd**, não é um imperativo (Essa guerra santa é exercida através do poder local). A dita “Esquerda” de vocação stalinista confunde essa característica com nacionalismo, o que está errado.

O ataque às Torres Gêmeas em Nova York em 11 de setembro de 2001 foi, por exemplo, um episódio da guerra santa (**jihãd**) implementada pela Al-Qaeda. O Talibã não é opositor dos demais movimentos islâmicos e protegeu Bin Laden. Esse foi o pretexto para os Estados Unidos atacarem esse governo, já que não servia mais (após lutar contra a ocupação da ex-URSS).

A retirada das tropas dos EUA não foi, portanto, uma vitória do nacionalismo afegão. Já a burca, tão criticada, não é uma invenção Ta-



libã. E o costume dos **pashtuns** que vem sendo imposto aos territórios mais reativos ao Talibã. Onde é melhor recebido, a burca nem é tão cobrada. Logo, trata-se da aplicação de uma concepção de mundo totalizadora e reacionária.

Mesmo apresentando-se como inimigo dos Estados Unidos, o Talibã não é anticapitalista. A sociedade afegã é repleta de elementos pré-capitalistas bem conjugados com a essência do sistema: a desigualdade social e a exploração do homem pelo homem.

O Talibã é financiado pelo tráfico de drogas, como o ópio, por extorsões e sequestros. A exploração ilegal de recursos naturais afegãos através, por exemplo, da mineração também é uma fonte de recursos. Além disso, recebe doações de apoiadores ricos. Nada que vá pôr em risco a miséria de boa parte do mundo, tão importante para o sistema capitalista.

O Talibã mandou as tropas norte-americanas embora. Mas, não fez revolução. O Afeganistão não é o Vietnã. Lá, nos anos 60, guardadas as devidas diferenças, os trabalhadores estavam em luta por seus interesses, pelo Socialismo. Expulsaram o imperialismo, expropriaram a burguesia e chegaram à economia planificada. Assim, como há 43 anos, parte dos afegãos também ousou estar. O imperialismo não tolerou isso e fomentou a criação de milícias fundamentalistas.

Ainda não chegou o tempo dos afegãos realizarem o sonho de seus estudantes que, nos anos 70, gritavam “morte aos **Khans**” (senhores). A luta final, por uma terra sem amos, terá de derrotar o Talibã.